



TAXA PAGA PORTUGAL CCE DEVEAS

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL DE05562008GRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo 21 de Novembro de 2009 • Ano LXVI • N.º 1714 Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
 Director: Padre João Rosa Preço: € 0,33 (IVA incluído) Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
 Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913 Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO Cont. 50078898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

DE ANGOLA Padre João

DEPOIS de uma curta estadia na Casa do Gaiato de Malanje e Lar de Luanda, sentei-me para organizar o turbilhão de impressões que inevitavelmente nos bombardeiam ao contactarmos com um continente tão vasto e profundo.

Enquanto ali permanecia, decorria em Roma o Sínodo especial para África. A ele, a imprensa angolana pouco ou nada se referiu. Apesar disso uma frase do Papa ecoou fundo: «África representa um pulmão espiritual para a Humanidade...»

Disto apercebemo-nos sem dificuldade, quando, inevitavelmente, nos colocamos numa atitude de confronto entre valores e contra-valores com o velho continente.

É claro que, o fenómeno da globalização é imparável e as gerações jovens são as mais permeáveis à assimilação das mudanças. Fica-nos a ideia da urgência da evangelização do mundo juvenil como desafio inadiável. Na escola, na família e na Igreja. É uma hora crucial para a Igreja, esta da evangelização juvenil. A proliferação das igrejas e das seitas, é um facto ineludível. Em Luanda, a IURD, tem o melhor espaço de culto da cidade e está sempre cheio de crentes, principalmente de gente nova.

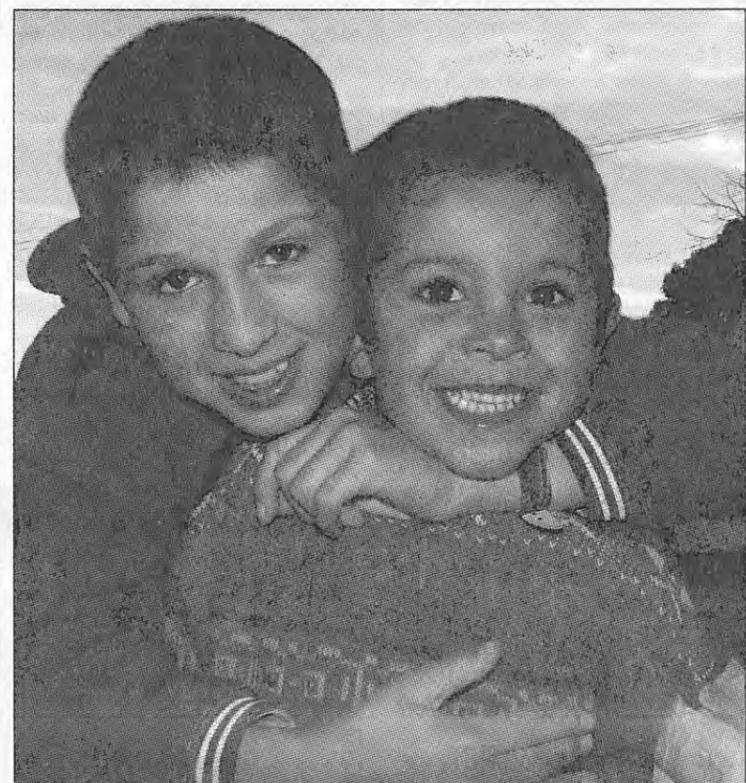
Se o desafio da evangelização é um facto, não menos o da preparação dos evangelizadores. A estes é requerida uma grande formação a todos os níveis, principalmente emocional e comunitária. O amadorismo que, não raro, anda associado ao entusiasmo fácil, é perigoso. São de louvar e imitar os projectos de voluntariado que estão presentes por todo o lado. Projectos em equipa. Os projectos pessoais, isto é, desprovidos de confronto, nomeadamente eclesial, são perigosos e podem tornar-se, a curto prazo, fonte de conflito e conseqüentemente votados ao fracasso.

África é um oceano de vida humana e desafios imensos. Para os enfrentar não basta uma dose de boa vontade e entusiasmo. É necessário um bom ponto de referência humano e espiritual, como ancoradouro. Espírito de trabalho em equipa, como suporte de imensas dificuldades que espreitam a todo o momento e em todas as áreas.

Daqui saúdo e recorro com apreço os voluntários de Malanje: senhor Bartolomeu e dona Monsarrat. Com eles, as Irmãs que prestam assistência em vários domínios da Casa. A equipa de chefes com os quais privámos de perto. Que seria daquela Comunidade, e de todas as outras, se não fossem eles os esteios que as sustentam? O Padre Rafael, com todo o seu entusiasmo de jovem sacerdote, ou o Padre Telmo, com toda a sua experiência longa de África, não iriam longe.

De facto, o grupo de chefes bem se pode considerar um bom suporte e uma vanguarda de voluntariado na qual os Padres hão-de encontrar em horas difíceis, para além de outras, um apoio seguro. Também aqui tocámos o segredo do êxito de uma Casa do Gaiato, deles, por eles e para eles. Não se descure a sua formação e acompanhamento persistente. □

DA NOSSA VIDA Padre Júlio



TEMOS experimentado nesta nossa Comunidade de Paço de Sousa, o valor da criança. Refiro-me à criança pequenina, na fase da idade em que, para ela, tudo é novidade, tudo é acolhimento, tudo é espontaneidade. É isto que o nosso pequenino, que agora está connosco, tem encontrado entre nós, e que nos paga com o seu sorriso e a sua irrequietude, despertando-nos para os valores que estão para além do que os olhos vêem mas o espírito capta. Quantas vezes os rapazes se extasiavam ao observar o pequenino nos seus movimentos descomprometidos, executados ao sabor da

sua imaginação de criança. Aquilo que todos os outros não fazem, ele faz, porque é criança. Como a criança tem valor, pois não tem quem a substitua!

As nossas sociedades têm perdido muitos valores nos últimos anos. Um dos maiores é este: a criança.

Paradoxalmente nas mesmas, há uma onda de desejo de adopção de crianças. O que não é novo pois sempre houve adopção, e bem genuína, de crianças acolhidas em famílias que se davam como suas, num clima de liberdade e segurança que a acção da Lei hoje não garante.

Mas estranhamente, do que agora se fala, é o querer dar crianças a grupos de pessoas do mesmo sexo. Dá a impressão que há o repúdio pela ordem natural, criando uma nova ordem de autoria humana. É um desejo que já é velho como a própria humanidade.

Uma grande maioria, por influência do evoluir da vida, que se cre mais desenvolvida que no passado, passam grande parte do seu tempo de infância nos infantários e creches, onde por vezes falta o essencial.

Noutras situações a criança é posta no centro das atenções, vestindo-se-lhe roupagens de um adulto precoce, exaltando-lhe qualidades que os adultos não têm mas gostariam de ter. É nas artes e no desporto, lugares altos a que elas sobem e de onde, mais tarde, irão cair.

Tenho encontrado crianças estranhas no relacionamento com os adultos. Apresentam um ar desconfiado e hostil. Porque será? Não será falta de experiência abundante de família? A criança, para estar bem, precisa de segurança, o que só alcança quando embebida de vivência familiar.

Noutros tempos e nos mesmos lugares, muitas crianças não o chegavam a ser por outros motivos... Estas, por estes.

Revejo o nosso pequenino. Ele mostra à evidência que o que mais lhe convém a ele, somos nós, e a nós, é ele que nos convém. Precisamos uns dos outros, e em todas as fases da vida. □

PÃO DE VIDA Padre Manuel Mendes

Coisas pequenas?

EM matéria de educação dos mais novos e, por extensão, social, reina demasiada confusão nos princípios e na prática, a que não são alheias as aceleradas transformações nas últimas décadas.

Quem vive numa comunidade formativa, que procura preparar pessoas para a autonomia, sente a relevância dos encontros do dia-a-dia familiar na educação emocional e integral, bem mais do que em discursos.

Por outro lado, tal há-de assentar em fundamentos seguros.

Na *intelectualite*, há dias, foi insinuado que a Escritura *não é livro recomendável às crianças...* Ainda bem que alguns ditos do Mestre da Galileia nos foram transmitidos, mostrando -Se inconformado com as tragédias dos impérios e as desgraças humanas.

Da dúzia e meia de filhos da desventura que foram acolhidos, ultimamente, o percurso filial recomeça em coisas simples. *"Quem é fiel nas coisas pequenas também é fiel nas grandes"* (Lc 16,10), disse Jesus.

Numa família, mesmo pobre materialmente, a justa repartição dos bens disponíveis repercute-se no ambiente humano que se respira.

Estamos a ver, à nossa frente, um punhado de utensílios para varrer e vários esféricos. Para ambas as coisas, a quem se entrega, sublinhamos: — *Tu és o responsável. Olha que vai e volta!*

Se as vassouras se partem e as bolas se perdem, às vezes, surge a escapatória: — *Não fui eu...*

Ser educado para a responsabilidade, por aquilo que nos é confiado, supõe que, no fracasso, não tenhamos medo da nossa

verdade: a fragilidade humana.

Nas modas, da sociedade, tem-se acentuado uma ansia exacerbada em *ter*, especialmente supérfluos. Os benefícios sociais, adquiridos, têm contribuído para o crescimento saudável das novas gerações e são indiscutíveis.

Urge enfrentar com esperança certas situações preocupantes, até no nosso País, como a progressiva participação de adolescentes na marginalidade urbana e violenta.

Entre nós, as mazelas da desagregação familiar tocamos profundamente, através das inquietações que nos chegam.

Incentivar comportamentos *contra naturam* significa regressão social.

Por inexistir, até ao momento, outra alternativa, um Juiz de Direito tem determinado a *manutenção, por mais seis meses, da medida de promoção e protecção aplicada a um menor*. As suas águas passadas têm feito tempestades.

Veio referenciado com tendência para *desviar coisas*, que lhe surgem à mão e despertam interesse. Um molho de chaves numa porta levou sumiço. Ao cabo de uma hora de diálogo,

Continua na página 2

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

IDOSOS E JOVENS — Esta crónica é sobre um problema social que se tem vindo a agravar nos últimos anos e que tem passado pela nossa e pelas outras conferências. Estamos a referir-nos aos pais e avós que, chegando à idade em que, tendo mais do que direito ao descanso, ou estando já a precisar de ajuda dos mais jovens, são confrontados com o pesado encargo de terem que sustentar filhos ou netos caídos na toxicodependência, no desemprego e noutras situações precárias. Nestes casos, esses pais ou avós, quando ainda podem, são obrigados a retardar a reforma, ou então gastam-na no sustento desses seus descendentes. Por vezes esse salário ou reforma não chegam, sendo preciso alienar património que seria necessário para garantir um fim de vida tranquilo. Para complicar a situação, há casos onde esta ajuda dos pais ou avós aos descendentes mais necessitados gera conflitos familiares que os desgastam ainda mais. Como já dissemos, tem havido casos destes que vão passando pela nossa e pelas outras conferências. Com a vossa generosa contribuição, vamos ajudando a aliviar um pouco a carga muito pesada que esses pais ou avós vão carregando numa fase da sua vida em que deveriam ser eles a ser ajudados pelos seus filhos ou netos. Infelizmente, aqui como noutras situações, o mundo anda ao contrário do que deveria ser.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa. □

REFLECTINDO

Padre Telmo

DE novo a nossa Casa de Malanje. Está cheia. Há muitos «Batatinhas». Suprem tudo com seus sorrisos cândidos! Dá gosto vê-los comer — autênticas betoneiras!

— Dá sambapito.

As crianças perdem-se por um sambapito. Em Portugal, nem sempre temos uma criança, para oferecer...

Na avenida solitária da Casa de Paço de Sousa, já não rolam os carrinhos de rolamentos... Tempo em que grupos deles jogavam a bola feita de meias, em qualquer canto...

Um navio grande que levasse crianças desta África imensa e cheia de crianças carentes...

Quando o céu está límpido, há estrelas e lua nas noites do planalto. É maravilhoso ver e sentir! Hoje, de cabeça erguida, vejo e sinto como são belas estas noites!

Nas nossas cidades, as luzes dos homens são muro que tapa a maravilha dum céu estrelado! Também, nem sequer podemos levantar a cabeça — são os carros, as pessoas, as montras, o próprio chão e as nossas tantas preocupações...

Que direi dos nevoeiros densos que tapam a luz de Deus. A luz que vem do alto. E, caminhamos assim à fraca luz das nossas candeias. Habitados à penumbra — não queremos já a luz esplendente que vem de Deus. Sem esta luz, que nos vem do Senhor, como poderemos ser luz para que os nossos irmãos não caminhem nas trevas?

Levanta a tua cabeça para as estrelas, sonha e acredita na verdadeira luz que vem de Deus...

«Desperta, tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará» Ef. 8-14. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

directo, apontou-nos o esconderijo das ditas. Parte do material escolar, para o ano lectivo em curso, foi retirado para um arbusto, onde os companheiros o desmascararam. Algumas embalagens de bolos, que se destinavam a distribuir, pela manhã, ficaram amassadas, ao sentar-se num mocho da sala...

Confrontado com esse verme que o corrói, desculpou-se: — *Tento não roubar; mas, não consigo...*

Atenção que julgar, inteiramente, uma pessoa é um poder que pertence só a Deus!

No nosso tempo, parece que, para qualquer solução difícil, basta clicar numa tecla de computador. Mas, no crescimento humano, é melhor ser participante de maratona, esperando pequenas vitórias.

Na profundidade da pessoa humana, quando se instala, desde cedo, a armadilha da apropriação indevida dos legítimos bens dos outros, não se podem queimar etapas. A *poda verde* aplica-se, sob pena de insensibilidade para o erro e consequências futuras mais graves. O dito Rapaz, por essas quedas, tem permanecido nas obrigações domésticas, embora tente desviar-se.

Um Padre do deserto chegou a dizer: *“Suprima a tentação e ninguém será salvo”*... Servirá para fortalecer a nossa raiz, se é profunda e firme.

Mais do que os produtos tirados, vai-se apelando à verdade dos desviantes. Só a transparência nos liberta de laços funestos.

Para dar testemunho da Verdade, fiel ao Pai celeste, Jesus não escondeu a sua face. Desceu o mais longe possível, à pequenez da nossa carne. E, para vencer o mal, elevou-Se no madeiro da Cruz! □

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Alberto («Resende»)

DESPORTO — «Era domingo. Subia eu a avenida e o 'Foscoa' aparece com um pé calçado e outro descalço. Estranhei. Perguntei. Tudo muito simples. "Foscoa" é dos da erva. O 'Pernas' também. Eles são muito amigos. Ora o 'Pernas' tem sapatos e o 'Foscoa' não. Que resolvem eles? Andar cada um com seu sapato!» — Pai Américo.

Para que nos nossos jogos, não aconteça que uns andem com um pé descalço e outro calçado, quem é que quer ter a amabilidade de nos oferecer chuteiras para podermos entreter os nossos Rapazes aos fins-de-semana, com o futebol, modalidade que tanto gostam de praticar?!

Ficamos à espera de boas notícias. Nós aceitamos todos os números, mas... 39, 40, 41 e até 42, era o ideal.

A Câmara Municipal de Penafiel já nos ofereceu redes novas, três bolas (não chega a nada!), e as quatro bandeiras de canto. O nosso muito obrigado. Bolas e chuteiras, são o nosso ponto fraco!...

No que diz respeito ao Grupo, pro-

priamente dito, todos querem jogar, quer dizer: menos o Agostinho que, de vez em quando, *dói-lhe a unha do pé...* —, como dizia o nosso amigo «Truta»; já o Nelson, esse, o que quer é não assumir responsabilidades. Dá mais jeito jogar ao domingo de manhã..., no intervalo entre o pequeno-almoço e a Missa. Tudo bem..., mas é preciso trabalhar em conjunto — nos treinos e nos jogos — com humildade e com respeito, para com todos aqueles que, semana após semana, dentro e fora das quatro linhas, tentam demonstrar a alegria e a boa disposição que se vive no dia-a-dia.

E foi precisamente com esse espírito alegre e bem-humorados, que recebemos os Juniores do S. C. Montezelo, da A. F. Porto.

Rogério, abriu o activo e, quando menos se esperava, o Montezelo empatou. As coisas complicaram-se, é certo, mas ninguém baixou os braços. Na segunda metade, com a entrada daqueles que tinham ficado no banco, registou-se a meia dúzia que se impunha. No final do encontro, com golos de Rogério (1), André

Garnisé (1), Ilídio (1) e Bonga (3), contra três do Montezelo, fixou-se o resultado final.

Uma semana depois, foi a vez de recebermos os Juniores do Sporting Clube do Campo, da A. F. Porto. Apesar de não ser uma equipa qualquer — vai em primeiro na sua série só com vitórias — os nossos rapazes não foram em cantigas, levaram o jogo a «sério» como lhes foi pedido e não estiveram com contemplações. Sofremos o primeiro golo do encontro; foi como quem lhes chegou o fogo! Pouco depois, começou o «samba». Com golos de Joaquina (1), Manuel (1), Bonga (1) e André Garnisé (3), contra três do adversário. Um jogo alegre, emotivo e com todos os nossos rapazes confiantes numa boa época desportiva.

Já agora, aproveite para desejar, também, um campeonato cheio de vitórias, aos Juvenis da Casa do Gaiato de Benguela, e um bom trabalho ao seu treinador, César Daniel «Massauro», bem como a todos os grupos desportivos das nossas Casas, daquém e dalém mar. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

MAGUSTO — Próximo do S. Martinho, a 8 de Novembro, Domingo, de tarde, houve um magusto na nossa Casa. Desta vez, a Catequese de infância e o Agrupamento de Escuteiros, da Paróquia de S. José, Coimbra, com o Sr. Padre João Castelhana à frente, deslocaram-se de comboio até Miranda do Corvo, chegando cerca das 14.00h. A chuva, miudinha, não impediu que viessem visitar-nos e, depois, animar os mais pequenos com jogos. No salão de festas, partilhou-se uma boa merenda e comeram-se castanhas, que tinham sido assadas no nosso forno. Ficaram todos muito satisfei-

tos com este encontro, de Amigos, a quem agradecemos a generosidade e o carinho!

AGRO-PECUÁRIA — As couves tronchas da nossa horta, com a chuva que tem caído, cresceram bem e o nosso couval está uma beleza!

O pomar foi fresado, para destruir as ervas daninhas e ficou com melhor aspecto.

A relva dos jardins foi cortada, pois estava a precisar.

A 9 de Novembro, começou a apanha das azeitonas, nas oliveiras do parque e, depois, nas árvores da encosta voltada para a rotunda Padre

Américo. Segue-se nos outros terrenos. Foi preciso comprar vários materiais, caros: vasilhame, sacos e panais (redes), para a colheita, que se prevê boa, neste ano agrícola. As azeitonas foram transportadas para um lagar de azeite, na região.

RAPAZ NOVO — No dia 9 de Novembro, Segunda-feira, foi recebido, pelo nosso Padre Manuel com o Prof. Paulo, um menino de 3 anos, de nome Malan, acolhido na área de Lisboa. Passou a frequentar um Jardim de Infância, na Vila.

Muitas felicidades, para o nosso *batatinha* mais pequeno! □

BENGUELA

César Daniel — Massauro

DESPORTO — Já começou o campeonato de futebol de Juvenis da zona "F". Na primeira jornada, recebemos a equipa vizinha do Bairro da Nossa Senhora da Graça. Não entramos bem, ou não começámos com o pé direito. Na primeira parte, a nossa defesa entrou totalmente desconcentrada, principalmente o nosso Iano, ainda vou mais longe, a defesa fez o pior jogo da época. Aos 5 minutos de jogo, começámos a sofrer golos "impossíveis". Naquele momento, eu gritava aos nossos defesas: "Onde meteram a vossa cabeça?"

Assim, ao intervalo perdíamos por 4-1. Na segunda parte a equipa entrou mais determinada, a defesa concentrou-se mais, e acabámos por marcar dois golos por intermédio do imparável Dani que é mais conhecido por (D.K.). A partir daqui, fomos construindo bom jogo mas, infelizmente, mais uma pequena falha da nossa defesa deu o outro golo para a equipa adversária. A equipa não baixou a moral e assim ainda marcámos mais um golo que, contudo, não foi suficiente para chegarmos ao empate. Também não tivemos sorte com o árbitro, que deixou passar um *penalty* a nosso favor, quase no final, que nos daria, pelo menos, o empate.

Já na segunda jornada, fomos visitar a equipa do Beira-Mar, que se localiza no bairro mais distante, chamado 27, ou Damba-Maria, onde, se existem bons momentos para o trabalhador, naquele sábado foi um sábado feliz para os nossos defesas que, desta vez, souberam estar no seu lugar. Não será exagero dizer que foi uns dos melhores jogos que a nossa defesa, até ao momento, realizou, principalmente, o nosso Guarda-redes, o Raimundo. Esteve mesmo no seu lugar, acabando por ser o jogador de destaque naquele sábado. Se, no jogo anterior, começámos por perder, neste foi o contrário, começámos por ganhar. Os golos começaram a surgir a partir dos 9 minutos, pelo nosso imparável Dani, que fez um belíssimo golo. A partir dali começámos a construir golos em cima de golos. Tendo acabado a primeira parte com 3-0. Na segunda parte começámos por criar inúmeras oportunidades e pelas quais, a partir dos 10 minutos chegámos ao ponto de abrir o placard, por intermédio de Dani, tendo o próprio Dani marcado mais cinco golos, e um marcado pelo Pinto, de *penalty*, e ao fechar a conta por Guto que também facturou o seu golo. Assim fechámos a nossa pri-

meira vitória, ganha por 7-2. Este foi o melhor jogo da nossa equipa, principalmente o nosso Guarda-redes, que foi o dono do jogo.

Na Terceira jornada, a equipa apareceu com outro dinamismo, só que o nosso Guarda-redes desta vez, não foi feliz como foi no jogo passado, principalmente em bolas paradas.

Na primeira parte começámos bem, apesar de não ser a equipa principal que começou o jogo, porque tive de fazer algumas mudanças, mas as coisas não resultaram bem como eu queria. Por isso, a partir dos 35 minutos, da primeira parte, tive de fazer algumas alterações na equipa, saindo o Diogo e entrando o imparável Dani, que, dois minutos depois, conseguiu abrir a baliza com um golo que só ele sabe fazer, tendo assim a equipa começado a construir bons golos, terminando a primeira parte a ganhar.

Depois, a segunda parte foi mais complicada, do que na primeira, isto porque a nossa defesa cometeu muitas falhas, e quando isso acontece é claro que a equipa está sujeita a sofrer as consequências. As bolas paradas eram mais uma vez para me chamar a atenção, para dizer que as defesas não

MOÇAMBIQUE

Padre José Maria

Estatutos

A GORA que andamos a alinhar Os Estatutos da «Fundação» de quanto a Casa do Gaiato desenvolveu à sua volta no decorrer destes dezoito anos, com o desejo de estimular as populações a um teor de vida mais digno, se não fosse por necessidade imperiosa das leis vigentes, e também de passar o testemunho às pessoas das Comunidades, hoje libertas e conscientes do estigma em que viviam e, por isso, capazes de assumirem responsabilmente aquilo em que assentou a

sua própria valorização, se não fosse por isso, digo, não valia a pena, este trabalho que é de dar corpo jurídico e forma de letra ao que rompeu a extrema pobreza, no desejo veemente de manifestar o amor de Deus pelos mais Pobres, no seguimento do espírito profético de Pai Américo.

Não vemos outro Fundador, que é a figura central dos Estatutos de uma Fundação, que o próprio Deus, fundamento do Universo e quanto ele contém, mesmo o ainda não acessível à inteligência humana.

Temos lido textos extensos de Estatutos já aprovados e não encontramos nada à nossa

maneira. Expõe-se muita gente da esfera político-social, como garantes honorários da importância e da fidelidade aos fins em vista, não lucrativos.

Ora nós só temos em vista a dignificação dos mais Pobres, as crianças mais carentes que levamos das Creches até à Universidade, os doentes a quem acudimos, com especial empenho os seropositivos, constituindo isso um valor altamente lucrativo para eles e globalmente para toda a sociedade. E o nosso único Garante é Deus. Por Ele entregamos a vida e vivemos felizes com o reconhecimento de muita gente, de longe ou de perto, que nos apoia materialmente. Mas não deixa de ser um milagre do seu Amor tudo o que vai crescendo, como de uma semente lançada à terra em esperança, para que dê frutos em abundância, para o bem estar deste Povo.

Queremos um Estatuto do avesso, diria mesmo de pernas para o ar, se a lei o permitir. As pessoas que dão o seu trabalho ou simplesmente a sua dignidade serão as últimas. O que são elas

PENSAMENTO

Pai Américo

Senhor do Céu, Deus escondido que tudo sabes e tudo revelas; debaixo das nossas telhas, nós guardamos as histórias mais pungentes e mais humanas que o céu de Portugal alumia! Nos nossos dormitórios embalamos com lágrimas de ternura as tragédias mais cruciantes da pobre Humanidade. O GAIATO pede ao mundo que seja melhor; que seja mais sóbrio; que seja mais compadecido. □

MALANJE

Padre Rafael



«Não escandalizeis nenhum destes meus pequenos»

SEUOS olhos presenciaram imagens dantescas: Seus pais saíram para trabalhar nos campos e não regressaram, viu como assassinaram seu pai, arrancaram-no do peito de sua mãe que jazia num charco de sangue... aqueles não eram olhos escandalizados, eram olhos aterrorizados. Ninguém pensou em colocar uma pedra de moínho sobre o seu pescoço, ou cortar um dos seus membros, antes de mudar esse olhar de inocência

pelo do ódio, da vingança e do terror. A tarefa mais difícil ficou para o futuro, tentar fazer deles o que estavam chamados a ser.

A notícia já corre pela Casa. O Padre Telmo e o Padre João vêm em meados do próximo mês. O primeiro para ficar, e o segundo para regressar com Padre Eduardo, que vai descansar no princípio de Novembro. Em Casa, continuamos a reformar os jardins. Da pequena horta, recolhemos as primeiras couves e tomates. Na Carianga, começamos a vender algum tomate, pois a produção é grande e corremos o risco de perdê-la. As primeiras chuvas caíram e preparamos a terra para ser arada. A erva começa a brotar e os nossos animais saem em força para os prados. Três vacas leiteiras pariram; agora, é tempo de começar a ordenhá-las e dar aos nossos pequenos leite natural.

Em nossa fazenda temos uma barragem que se tornou, de lugar turístico e de convívio, em lu-

gar de forte consumo de álcool. O movimento de motos e carros que atravessam a estrada da nossa Casa, é um ir e vir, com o perigo de atropelarem algum dos nossos filhos. Na sexta-feira passada foi o Jó, quando saía da escola. Tivemos sorte, pois não teve nenhuma ruptura. A presença policial é mais dissuasora do que eficaz, de modo que optámos por colocar todo o tipo de obstáculos para impedir a passagem pela nossa Casa.

As notas dos nossos rapazes vão chegando. A verdade é que não são muito animadoras, especialmente no que diz respeito aos rapazes mais velhos. A verdade é que alguns deles já estão a pensar em estudar de noite e trabalhar de dia. Novamente vem a difícil tarefa de levantar alguns dos mais velhos, seria preferível que optassem por encontrar um emprego e, assim, deixar o seu lugar aberto para entrarem outros mais pequenos.

Terminámos a semana com um acontecimento infeliz, durante a missa entraram e roubaram o quarto de dois chefes. Como a polícia está presente no nosso quintal, tiveram que actuar e localizaram um dos possíveis ladrões, mas por falta de provas tiveram de o pôr em liberdade. Este problema unido ao do álcool, continuam a ser o que mais nos faz sofrer em Casa, o que bloqueia o nosso caminhar quotidiano.

Este sábado celebrou-se o dia das Graças. A prisão fez festa e a nossa Casa ofereceu uma vaca para a refeição dos seiscentos presos que lotam a prisão de Malanje. Quando a vaca entrou no camião, eram gritos de alegria à nossa Casa e aos voluntários que trabalham na prisão. Todo o dia foi passado em harmonia, com teatro, cânticos e a melhor comida de todo o ano: funje com carne de vaca. □

devem cometer faltas, mas a equipa persistia no mesmo erro. Tive de fazer algumas alterações, para ver se as coisas melhoravam, mas não se notou nada de diferente. Graças a Deus por termos um goleador que em pequena oportunidade que lhe aparece ele consegue concretizar, assim acabámos por ganhar o jogo por 7-6, tendo como marcador o Dani (4), Guto (1), Paz (1), Tchopossi (1).

A nossa equipa precisa de trabalhar muito, se quiser vencer os jogos. □

afinal dentro de uma Obra de Deus em que os últimos, segundo o vulgo pensa, são afinal, os primeiros. Por isso queremos sejam eles mesmos, hoje conscientes da sua dignidade a assumir a sua responsabilidade. Em termos de Igreja é a hora dos Leigos. Em termos de direitos humanos é nossa convicção que é tempo de apagar injustiças, reconhecer capacidades e dar oportunidades de trabalho. Em termos Evangé-

licos somos uma Palavra sempre Nova.

Um estatuto legal, puramente teórico, puramente materialista, sem o sentido da dor e tantas vezes do heroísmo já histórico dos mais pobres que são a maioria neste País, repugna a quem dá a vida por eles. Teremos de vergar-nos à teoria, se já andamos vergados na prática?

Vamos andando sabendo a Quem servimos. □

DOUTRINA

Pai Américo



«Ninguém me quer»

ESTAVA eu, ontem, ocupado com as coisas e trabalhos inerentes à minha cruz, quando me chega recado que um rapaz estava em baixo, à minha espera. A este sucederam-se outros e outros recados, de outra gente que me esperava, de forma que não atendi o primeiro e somente ao meio-dia, hora de comer, é que desci e dei de cara com o tal rapaz. Olhei e medi com os olhos. Era irmão de muitíssimos que nos aparecem. Irmão no trajar, irmão no aspecto, irmão na vida. Pai na cadeia, mãe não tem, dorme nos portais. É da cidade do Porto. «Moro em S. João Novo». Perguntado se não trabalhava, disse-me que sim; que era encadernador, mas agora ninguém o quer. «Como não tenho onde dormir, ninguém me quer». Perguntado, ainda, de como viera cá ter, respondeu que um encadernador lhe dera seis mil e trezentos e ele comprou o bilhete do comboio e veio.

NAQUELE mesmo dia, tinha eu destinado ir ao Porto. Eram horas de despachar O GAIATO e foram também Avelino e Carlos, os ases desse trabalho. Embarcámos no Morris. O peregrino também tomou lugar. Uma hora depois, estávamos na cidade. Notei o silêncio que reinou na viagem. Não é costume. Quando vão dois rapazes, há sempre muito que apontar, muito que dizer, muito que rir. São as camionetas, são as bicicletas, são os peões, são os carros iguais ou semelhantes ao nosso; e são, sobretudo, as súplicas clamorosas feitas ao motorista, quando algum ultrapassa: «Ande. Força. O nosso é um Morris». Sim. Isto é usual. A isto ando eu afeito. Porém, naquela viagem emudeceram os rapazes!

O carro parou na rua Formosa. Saíram os três viajantes. O estranho sumiu-se no turbilhão, enquanto os da Casa me informavam, muito tristes, que era preciso catar o sítio aonde viera o rapaz sentado: «Olhe-os ali!» O Carlos, por ter vindo encostado ao encadernador, acrescenta com ar piedoso: «Ele vinha cheinho deles!» E acrescenta, baixinho, com medo que eu o culpasse: «A culpa não é dele». Foi então que eu descobri a verdadeira causa daquela viagem funerária, quando, das mais vezes, eles abrem a boca ao sair de Casa e só a fecham no destino. Sim, descobri. É que estes mesmos rapazes também por lá andaram, cheinhos deles!

O piolhento não pôde ficar em Paço de Sousa. Continuará, possivelmente, a dormir nos portais, com a lógica consequência. «Ninguém me quer». Evidentemente. Qual o patrão que vai tomar ao seu serviço um rapaz nestas condições? Dos portais transitará, possivelmente, para as esquadras. Até que o Código o leve, provavelmente, ao banco dos réus.

NÃO quero que ninguém faça nada. Não quero que ninguém diga nada. Só peço aos Leitores que tenham os mesmos sentimentos que tiveram, para com ele, os dois viajantes que o acompanhavam: — Tristes. Silenciosos. Compassivos. Eles deram o exemplo de qual deve ser a atitude humana, de nós todos, perante a criança que dorme nos portais.

Do livro Doutrina, 1.º vol.

BENGUELA

Padre Manuel António

No dar as mãos está o segredo...

O óbulo da viúva foi admirável. A mulher pertencia à classe social mais desprezada, daquele tempo. Jesus louvou-a. E de que maneira! As duas moedas que depositou na caixa do tesouro do Templo eram dum valor incalculável. Valiam a própria vida. O amor autêntico é assim. Deu tudo o que era capaz de dar. Gesto impressionante! Não teve medo de perder ao dar tudo. Loucura? Seguir o caminho do amor verdadeiro vale mais que todo o ouro do mundo. Faz-nos mais ricos que todas as pedras de diamante. Mais livres, como as avezinhas do céu. Mais felizes, como os lírios do campo. Mais seguros e confiantes, como a casa construída sobre a rocha.

Chegou-nos esta carta, partilha verdadeira das nossas preocupações: «A promiscuidade e miséria de muitas famílias que vivem em condições desumanas. Para ajudar um pouco a colmatar as imensas necessidades, venho com algum contributo monetário. É muito pouco para todas essas situações, mas gota a gota

se forma o oceano...» A carta portadora do cheque atravessou o oceano e chegou bem. Não faltou a palavra encorajadora para a «espinhosa missão de conduzir as crianças para uma vida dignificante, libertando-as dos horrendos vícios e más condições de subsistência». É uma presença viva, como tantas outras, que nos conforta. O passo indispensável para o êxito desta missão libertadora da miséria está a ser dado. As famílias querem. Dão conta de que não podem ser felizes a viver na miséria. Hoje, de manhã, antes de me sentar a escrever-vos estas notas, dois chefes de família vieram ter comigo a pedir ajuda. Dezenas e dezenas estão à espera. No dar as mãos, com o amor que enchia o coração da viúva, está o segredo do êxito deste projecto maravilhoso. Não vamos parar. Como a caridade é uma acção educadora, cada família faz o que puder; é, também, uma fonte geradora de solidariedade. Não há riqueza maior do que o amor. É a alma da justiça social, a força verdadeiramente eficaz que põe

todas as pessoas à mesa a partilhar dos bens que a mãe-terra possui.

É missão difícil. É o caminho certo, mas estreito. Aparecem os pedregulhos do egoísmo, da indiferença. Quem dera houvesse a coragem de descobrir que há sempre bens que sobram. Que, por justiça, não pertencem a cada um, mas são propriedade dos mais pobres. Seria o primeiro passo para a doação amorosa; para a libertação do medo de perdermos, quando damos e damos por amor. Não perdemos! Ficamos mais ricos com o bem que fazemos aos nossos irmãos, em qualquer parte do mundo. Experimenta!

Pusemos uma carta no caminho das empresas petrolíferas a pedir um tractor e um meio de transporte para a comida das nossas vacas que uma fábrica cervejeira nos dá, sob a forma do bagaço, tão rico em energia. Quem dera sejamos atendidos. Os mais pequeninos têm os olhos e o coração postos em vós. Representam os vossos filhos, espalhados neste cantinho do mundo. Amai-os! □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

AQUELA mãe de quatro filhos, um ainda bebé, que tem medo que a Segurança Social lhe tire, mostrou-me, ontem, o rosto da fome.

Saiu da casa em que morava e foi viver, provisoriamente, para junto do irmão, até que se pintasse o andar que pretende alugar.

Fiquei de lhe pagar os dois primeiros meses de entrada.

Após a saída e regresso do trabalho dela, telefonei, pois me aflige muito a frágil situação económica daquela família. Combinámos encontrar-nos diante de tal farmácia. Era noite. A luz pública calçada com o esplendor saído das montras, fornecia um lusco-fusco para ver ao perto e mal reconhecer as figuras.

Parêi. Ela conheceu o carro, pediu licença e sentou-se ao meu lado, sem cerimónias. Preenchi o cheque, passado ao senhorio e, ao recebe-lo, balbucia para mim: — Não temos em casa, nada para comer.

Estremeci. Olhei-a. Senti a sinceridade do seu lamento e, lembrei-me: — Vai comigo à Casa do Gaiato e mandá-la-ei trazer por um rapaz.

A sala de jantar regurgitava de juventude a rezar o Terço. A cozinha rescendia de ovos mexidos e arroz com passas. A senhora, esmagada pelo afazer do momento, ao ver-me, com a pobre atrás de mim, desabafa: — A estas horas?!

Veio o Jaime mais o Zezinho ajudar-me. Como é construtivo os rapazes saborearem estas dificuldades!... Lições que indelevelmente se lhes gravam na alma!... Eles vão à câmara frigorífico embalar iogurtes, fruta, legumes, carne, peixe, leite, etc. Foram, de seguida,

buscar cereais, que há dias trouxe de um grande armazém, mais pão, mercearia e batatas, enchendo a bagageira do carro. A senhora ainda deu uma escapadela à rouparia para a pobre escolher agasalhos, para ela e para os filhos.

Como Deus nos usa e faz instrumentos da sua providência!? Fortalecendo a fé e a confiança n'Ele.

No Domingo passado, de manhã, Deus falara-nos daquela viúva que deu tudo quanto tinha e do apreço que Jesus dera ao seu gesto! A Luz faz Luz. Na Luz vemos a Luz. Se o mundo soubesse como é bom ser pobre e servir os Pobres, não se deixava encantar tanto com as seguranças humanas! Se os cristãos tivessem a graça de experimentar ocasiões destas e as procurar, como seriam mais audazes e menos calculistas!

Quando leres esta partilha já teremos levado para sua casa, camas completas com roupa, dois guarda-vestidos, mobília de cozinha com esquentador, fogão, frigorífico e máquina de lavar roupa, novos. Ela tem só mobília de sala de jantar.

O trabalho tem sido tanto, que não cumpri o prometido, na quinzena passada, acerca da compra do andar para o antigo gaiato, vítima do ovelheiro sem escrúpulos. Peço perdão e espero fazê-lo na próxima quinzena.

A nossa cancerosa, mãe de quatro filhos a quem propus, igualmente, comprar casa, vai ser operada a 26 deste mês.

Na impossibilidade de acompanhar pessoalmente a situação, pedi a um antigo gaiato e à sua esposa, que moram nos arredores, o favor

de irem «cheirar» e me dessem informações, pois a carta que ela me enviara é tão lancinante que me pôs dúvidas, se seria verdade o que me relatava, suplicando ajuda.

Foram e, pelo telefone, confirmaram, quanto lhes tocou o seu estado, mais o dos filhos pequeninos. Nem dormiram na noite seguinte, confessaram.

Como têm um filho advogado, solicitaram-lhe que fosse ele à Segurança Social pedir, de novo, o rendimento mínimo que lhes fora indeferido.

Abriam-me também caminho para a aquisição da casa onde moram estes infelizes, cuja renda, não pagam há cinco meses. Vamos a ver. Tenho esperança. Eu e mais quem se aflige comigo. Alguns Leitores, reagindo fortemente contra a instalação, privam-se das suas economias para ajudarem os Pobres, por meu intermédio. E eles terão uma casa sua. É Deus, Quem mo diz.

Por cima desta cave já referida em escritos anteriores mora o pai desta doente. O casal de antigos gaiatos, subiram acima deste andar, e encontraram um quadro ainda mais chocante, pelo desalinho, porcarias e penúria. É o pai dela, sofrendo de uma hérnia discal, e um filho muito deficiente a seu cargo. Também sem qualquer ajuda da Segurança Social. Deve mais de um ano de renda de casa. Como lidar com esta conjuntura? Como? Espero encontrar resposta e, na força de Deus, alguma solução.

A nova direcção postal do Património dos Pobres:

Casa do Gaiato de Setúbal
Algerúz
2910-281 Setúbal. □

A Caridade na Verdade

«**H**Á que salvaguardar o princípio da centralidade da pessoa que é o sujeito que primariamente deve assumir o dever do desenvolvimento». Esta é a ideia fixa (por isso a registar no começo de mais esta reflexão) e toda a encíclica se desenvolve tendo o Homem como quadro de fundo: os homens de todas as cores e raças e culturas, em todas as gerações.

«Uma das pobreza mais profundas que o homem pode experimentar é a solidão». Daí que «o desenvolvimento dos povos depende sobretudo do reconhecimento de que são uma só família formada por sujeitos que não se limitam a viver uns ao lado dos outros, (...) mas devem transformar a proximidade em verdadeira comunhão». Este o caminho apontado para que a Humanidade se torne de facto Família Humana. Os verbos aqui no presente, infelizmente significam ainda o voto de uma realidade a conseguir quanto antes, possível só com a compreensão e colaboração de todos os homens e nações. Com a compreensão de que «cada homem se realiza nas relações interpessoais» e o mesmo acontece com as nações. E «a inclusão de todos na única comunidade da Família Humana se constrói na solidariedade tendo por base os valores fundamentais da Justiça e da Paz».

Para os cristãos devia ser mais fácil — e por isso é especial a sua responsabilidade — eles que acreditam no Deus de Jesus Cristo, «Deus de rosto humano», e têm o modelo perfeito na «Trindade que é absoluta unidade, enquanto as três Pessoas divinas são pura relação». Também para o homem, «a relação é elemento essencial da unidade do género humano. (...) No laicismo e no fundamentalismo perde-se a possibilidade de um diálogo fecundo e de uma profícua colaboração entre a razão e a fé, (...) a purificarem-se mutuamente. (...) A ruptura deste diálogo implica um custo muito gravoso para o desenvolvimento da Humanidade». Um tal diálogo «constituiu o quadro mais apropriado para incentivar a colaboração fraterna entre crentes e não crentes na perspectiva comum de trabalhar pela Justiça e pela Paz da Humanidade».

«Particular manifestação da Caridade e critério orientador para a colaboração fraterna de crentes e não crentes é o princípio da subsidiariedade, expressão da inalienável liberdade humana. A subsidiariedade é uma ajuda à pessoa (...) oferecida quando a pessoa e os sujeitos sociais não conseguem operar por si sós e implica sempre finalidades emancipadoras porque favorecem a liberdade e a participação enquanto assunção de responsabilidades. A subsidiariedade respeita a dignidade da pessoa na qual vê um sujeito sempre capaz de dar algo aos outros. Ao reconhecer na reciprocidade a constituição íntima do ser humano, a subsidiariedade é o antídoto mais eficaz contra toda a forma de assistencialismo paternalista (...) Trata-se, pois, de um princípio particularmente idóneo para governar a globalização e orientá-la para um verdadeiro desenvolvimento humano.»

(...) O princípio da subsidiariedade há-de ser mantido estritamente ligado com o princípio da solidariedade e vice-versa. O primeiro sem o segundo decai no particularismo social; o segundo sem o primeiro decai no assistencialismo que humilha o sujeito necessitado.

Esta regra de carácter geral deve ser tida em grande consideração também quando se enfrentam as temáticas referentes às ajudas internacionais destinadas ao desenvolvimento. Estas (...) para serem verdadeiramente tais, não devem visar segundos fins. Não-de ser conseguidas envolvendo não só os governos dos países interessados, mas também os agentes económicos locais e os sujeitos da sociedade civil portadores de cultura, incluindo as Igrejas locais. Os programas de ajuda devem assumir sempre mais as características de programas integrados e participados a partir de baixo. A verdade é que o maior recurso a valorizar nos países é o recurso humano: este é o autêntico capital que se há-de fazer crescer para assegurar aos países mais pobres um verdadeiro futuro autónomo. Também no campo económico, a principal ajuda de que necessitam esses países é a de permitir e favorecer a progressiva inserção dos seus produtos nos mercados internacionais, tornando possível a sua plena participação na vida económica internacional. (...) Um comércio internacional justo e equilibrado no campo agrícola pode trazer benefícios a todos, quer do lado da oferta, quer do lado da procura.»

Pensava terminar hoje o percurso deste capítulo V da encíclica sobre a «Colaboração da Família Humana». Fiquei a meio e julgo que não poderia ter atalhado mais, tão importante é a mensagem recolhida.

Também me pergunto se será conhecimento comum entre os portugueses este do princípio de subsidiariedade. Se o conceito existe na mente de quem nos governa, não se vê aplicado na prática doentia da subsidiariedade que nos cerca e é capaz de ser pandemia mais nociva do que a gripe A. Fala-se tanto em imaginação e criatividade, mas parece que é sempre mais fácil subsidiar e inventar (no seu sentido etimológico de encontrar) trabalho para quem precisa dela e o deve.

Talvez ajude também a perceber a fatalidade de estarmos quase em tudo na cauda dos outros países, quando o cidadão português, lá fora, faz geralmente boa figura na área da sua actividade e é estimada de prestável a sua presença.

Falta de bom senso é certamente a pandemia maior. E vamos encontrando esta explicação no seio de famílias que sofrem mas não se desequilibram nas crises que sempre surgem — gente sensata.

Padre Carlos